
MACAU E A LÍNGUA PORTUGUESA: NOVAS PONTES A ORIENTE

Joaquim Coelho Ramos
Zhang Yunfeng
Maria João Rego
Paula Costa
Sara Gil
Tânia Ribeiro Marques
(editores)

Título

Macau e a Língua Portuguesa: Novas Pontes a Oriente

Editores

Joaquim Coelho Ramos
Zhang Yunfeng
Maria João Rego
Paula Costa
Sara Gil
Tânia Ribeiro Marques

Edição

Instituto Politécnico de Macau
Instituto Português do Oriente

Conceção gráfica

IPOR - Instituto Português do Oriente

Tipografia

Welfare Printing Ltd.

Ano de edição

Setembro de 2020 (1ª edição)

Tiragem

500 exemplares

ISBN: 978-99965-2-224-6

Esta publicação teve o apoio da Fundação Macau



4. Discutindo a toponímia portuguesa e autóctone em São Tomé e Príncipe

Amanda Macedo Balduino*

Gabriel Antunes de Araujo**

Resumo

Este artigo, a partir do referencial teórico de Dick (1980, 1990, 1998), Carvalhinhos (1998, 2009) e Tent (2015), tem como objetivo apresentar o perfil toponímico de São Tomé e Príncipe (STP) considerando aspectos como: (i) o contato linguístico, refletido em topônimos de matriz africana (ii) a estrutura do sintagma toponímico em língua portuguesa e/ou em outras línguas. Os topônimos são criados conforme a realidade geográfica, social, histórica e linguística de STP, sendo, por isso, *locus* da memória e da ecologia linguística santomense. Sua toponímia, assim, possui traços transdisciplinares e contribui para a compreensão dos diferentes estratos dialetais que estruturam a forma de expressão vernacular de STP, refletindo, inclusive, as conjunturas multilíngues sincrônicas e/ou diacrônicas circunscritas à área observada e a importância política atribuída à língua portuguesa em detrimento das demais línguas.

Palavras-chave: toponímia; português; santome; São Tomé e Príncipe.

1. Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar uma discussão pioneira sobre a toponímia santomense. Para tanto, descreveremos as principais características dos topônimos e das expressões toponímicas da República Democrática de São Tomé e Príncipe (STP).

Segundo Dick (2002), o nome próprio de um lugar, ou topônimo, consiste no emprego de um determinado item lexical ou expressão com o intuito de individualizar acidentes físicos ou traços relacionados à presença humana, mediante a

*Universidade de São Paulo (USP), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV); São Paulo – SP – Brasil. amanda.m_b@hotmail.com. Agradeço à FAPESP (bolsa 2017/26595-1) pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa. E-mail: amanda.m_b@hotmail.com

**Universidade de Macau (UM), Departamento de Português, Faculty of Arts and Humanities; RAE de Macau, China. Universidade de São Paulo (USP), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV); São Paulo – SP – Brasil. Agradeço à Universidade de São Paulo e ao CNPq (bolsa 310463/2016-5), e à Universidade de Macau (SRG-2019-00153-FAH) pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa. E-mail: gabrielaraujo@um.edu.mo

nomeação das características observadas no local ou em eventos ali realizados. Assim, a toponímia (do grego *topos* 'lugar' + *onoma* 'nome'), cujo objeto de estudo são os nomes de lugares, se caracteriza como um dos ramos da Onomástica.

Os topônimos conjugam diferentes fatores para uma sequência comunicativa, como a apreensão do objeto nomeado no espaço, a percepção cognitiva de seus detalhes ou constituintes, a representatividade linguística do traço percebido e, por fim, sua manifestação denominativa (cf. DICK, 1980: 80-81). Em decorrência disso, um elemento linguístico comum, ao ser revestido de função toponímica, integra um processo motivado pelo qual é, muitas vezes, possível relacionar um nome propriamente dito à área geográfica por ele designada (cf. DICK, 1998: 59).

Os topônimos, devido à sua natureza motivada, além de identificar localidades, estão relacionados a diversos aspectos físicos e antropoculturais de uma determinada comunidade linguística. Por constituírem marcadores linguísticos de tempo e de lugar, referindo a épocas passadas, na qual o ato de nomeação foi concretizado, os topônimos concedem pistas acerca de fatos históricos, sociais e culturais de uma comunidade, caracterizando a toponímia como uma área transdisciplinar, que não somente pode contribuir para estudos de diversas naturezas, mas também utiliza recursos extralinguísticos em suas análises (CARVALINHOS, 2009). O caráter transdisciplinar dos estudos em toponímia pode, portanto, contribuir para a compreensão dos diferentes estratos linguísticos que estruturam a forma de expressão vernacular de uma determinada comunidade de fala dentro de um território circunscrito, refletindo, ao mesmo tempo, conjunturas multilíngues sincrônicas e/ou diacrônicas que caracterizam a área observada (cf. DICK, 1990; CARVALINHOS, 1998; NASH, 2015).

Tendo em vista a relevância de fatores extralinguísticos para o estabelecimento do perfil toponímico de uma localidade, este estudo tem como propósito apresentar a toponímia santomense, em cotejo com sua realidade multilinguística. O multilinguismo societário e/ou territorial é caracterizado pela convivência de duas ou mais línguas em um território. Por consequência, o multilinguismo e o contato linguístico, realidades comuns em STP, são demarcados pela presença de grupos étnicos distintos, o que conduz à interação linguística (COUTO, 2009: 50).

A República Democrática de São Tomé e Príncipe é um país da costa oeste africana, no Golfo da Guiné, cuja população é de aproximadamente 180 mil indivíduos (INE, 2012)¹. Inicialmente desabitada, a colonização inicial de STP favoreceu o surgimento de uma língua crioula (FERRAZ, 1979, BANDEIRA, 2017, BANDEIRA, ARAUJO e FINBOW, 2019.) Posteriormente, fatores como o isolamento, a remoção de certos grupos de falantes das ilhas, as contribuições linguísticas de línguas africanas, a atuação criativa dos falantes locais e o influxo constante de novos atores promoveram a especiação dessa língua: ao longo do século XVI, o santome (código ISO 639-3: CRI) se desenvolveu nos centros coloniais (urbanos e rurais) da ilha de São Tomé, enquanto o angolar (ISO 639-3: AOA) é a língua dos descendentes de

¹ De acordo com as estimativas do INE em 2016, esse número era de 193.712 (INE, 2016).

escravos fugidos dos engenhos que formaram quilombos; outros grupos de falantes foram levados à ilha do Príncipe e à ilha de Ano Bom, onde as condições locais contribuíram para sua especiação dando origem ao lung'le (ISO 639-3: PRI) e ao fa d'Ambô (ISO 639-3: FAB), respectivamente (BANDEIRA, 2017, ARAUJO, 2020). Além disso, o kabuverdianu (ISO 639-3: KEA) também é falado no arquipélago, por ser a língua de herança dos descendentes dos trabalhadores oriundos de Cabo Verde, chegados no final do século XIX e ao longo do século XX. Apesar deste cenário multilinguístico, em STP, somente o português goza o status de língua oficial, marco estabelecido no momento da emancipação política de Portugal em 1975. De acordo com o censo do Instituto Nacional de Estatística de São Tomé e Príncipe (INE, 2012), cerca de 98,4% da população se declara falante da língua portuguesa.

São Tomé e Príncipe se configurou, desde a chegada dos portugueses no século XV, como um lugar de convivência, nem sempre pacífica, entre populações distintas do ponto de vista étnico e linguístico. Por conseguinte, nesse cenário multilíngue, a toponímia local reflete essa diversidade. Dessa forma, uma descrição do perfil toponímico santomense pode contribuir com os estudos sobre a realidade multilíngue do país, como também fornecer pistas acerca da presença dos grupos étnicos do arquipélago, bem como das línguas faladas por tais grupos. Por fim, além de esclarecer aspectos relacionados à constituição demográfica de STP, o estudo dos topônimos do arquipélago pode alimentar a discussão a respeito do status social reservado às línguas nacionais ali faladas e auxiliar a proposição de questões de política linguística do país.

É preciso considerar, no entanto, que a despeito das semelhanças promovidas pelo compartilhamento da língua portuguesa pelos países africanos de língua oficial portuguesa e pela história desses países, não é razoável pressupor que o perfil toponímico santomense seja equivalente a uma simples reprodução dos perfis toponímicos de Portugal ou dos países africanos de colonização portuguesa. Há outros fatores linguísticos e extralinguísticos, como a constituição de seus grupos étnicos e suas línguas, o contato linguístico, acontecimentos políticos e históricos, entre outros aspectos, que atuam na formação de topônimos e caracterizam a toponímia local como única. Desse modo, além das semelhanças esperadas entre a toponímia santomense e portuguesa, conjectura-se, também, a possibilidade de que topônimos sejam criados conforme a realidade geográfica, social, histórica e linguística de STP, sendo, por isso, um locus privilegiado da memória e da ecologia linguística santomense.

O texto está organizado da seguinte forma: na seção 2, apresentamos a abordagem metodológica e nosso corpus. Na seção 3, propomos uma análise do perfil toponímico santomense, seguida pelas considerações finais na seção 4.

2. Metodologia e Corpus

Para Tent (2015), a pesquisa em toponímia pode ser (i) qualitativa (também denominada como intensiva), e (ii) quantitativa (extensiva). Enquanto a primeira

corresponde a um modelo centralizado, concentrado, sobretudo, na etimologia, nos possíveis significados e na origem dos topônimos, a segunda constitui uma abordagem ampla, elencando possíveis padrões estruturais, semânticos e/ou sociohistóricos. Neste trabalho, optamos por analisar a toponímia de STP de acordo com a segunda abordagem, adotando uma análise extensiva cujo propósito é uma descrição geral e preliminar da toponímia santomense em cotejo com a conjuntura multilíngue do país. Posto que se trata de um estudo pioneiro, a abordagem metodológica e taxionômica adotada neste estudo pautar-se-á na literatura disponível dedicada às variedades brasileira e portuguesa. Dessa forma, a investigação aqui empreendida tem como correlato os projetos do Atlas Toponímico do Brasil (ATB) (DICK, 1980; 1998) e do Atlas Toponímico de Portugal (ATPor) (cf. CARVALINHOS, 2009). Essa postura metodológica é sustentada pelo fato de que, assim como Brasil e Portugal, STP é um país de língua oficial portuguesa e, portanto, os topônimos santomenses se constituem em unidades linguísticas conectadas ao mundo português e às variedades faladas em outras regiões (ver BONVINI, 2008). Essa proposição é corroborada por Lima & Carvalhinhos (2013) que afirmam ser essencial conhecer a toponímia portuguesa para compreender a toponímia brasileira. Ora, estando STP, Portugal e Brasil relacionados não somente pela língua materna da maior parte da população atual, mas também pelo passado em comum, é possível suscitar a hipótese de que perfis toponímicos sejam recorrentes e comuns aos três países.

Isso posto, o panorama geral da toponímia santomense foi estabelecido seguindo os seguintes passos metodológicos (cf. CARVALINHOS, 2009):

- (1) (a) coleta dos topônimos por meios informativos oficiais;
- (b) criação de uma planilha, na qual foram tabuladas diferentes informações, tais como: forma gráfica, construção fonológica e morfológica, termos específicos, termos genéricos, localização, circunscrição geográfica (região, distrito, bairro), entre outros fatores;
- (c) análise dos dados obtidos.

No que diz respeito à coleta dos topônimos, foram utilizados os dados do censo mais recente do país conduzido pelo Instituto Nacional de Estatística (INE, 2012). No total, coletamos 465 topônimos, classificados a partir da separação do país em quatro regiões e sete distritos. Na tabela 1, apresentamos o número total de topônimos por região e distrito. O corpus levantado corresponde à classificação geográfica oficial das localidades, conforme descritas no censo, englobando, somente, as localidades com concentração demográfica relevante. Logo, os dados analisados, neste trabalho, não abarcam todos os topônimos de STP².

2 Durante trabalho de campo realizado em STP (em 2016 e 2019), foi constatado que os falantes, por vezes, faziam referências a regiões empregando outros topônimos, quer pela utilização de outras lexias, quer pelo acréscimo de itens genéricos ao nome principal. Contudo, não trataremos dessa questão nesse trabalho.

| Localidades de São Tomé e Príncipe | | | | | | | |
|------------------------------------|-------------|-------|------------------|---------------|-----------|------|-----------------------------------|
| Região | Norte-Oeste | | Centro-Oeste | | Sul-Leste | | Príncipe |
| DISTRITO | Lobata | Lembá | Água- -Grande | Mé-Zó- chi | Cantagalo | Caué | Região Autônoma do Príncipe |
| Total de topônimos | 69 | 39 | 50 | 163 | 60 | 31 | 47 |

Tabela 1 – Número de topônimos investigados por distrito.

Para Dick (1990), o topônimo pode ser constituído por dois elementos: um genérico e outro específico. O termo ou item genérico faz referência à entidade geográfica ou humana nomeada, ao passo que o termo ou item específico corresponde à individualização da entidade em evidência. Ambas as partes correspondem a um sintagma toponímico, sendo integradas por aglutinação e/ou por justaposição, a depender das características estruturais da língua referenciada (cf. LIMA, 2012: 39). Topônimos referentes à macrotoponímia santomense (distrito), ou relacionados a alguns elementos de sua microtoponímia (bairros, roças³, ruas, etc), foram coletados e distribuídos de acordo com sua estrutura sintagmática de formação.

Neste trabalho, de modo a realizarmos uma descrição preliminar da toponímia santomense, procuramos observar como os topônimos em STP são constituídos dentro de um sintagma toponímico. Para tanto, dividimos o corpus em dois grupos: itens lexicais e lexias em língua portuguesa e itens lexicais e lexias não-portugueses (oriundos das línguas crioulas nacionais ou de outra língua ou família africana continental). Essa divisão foi importante para a discussão da toponímia enquanto reflexo de uma ecologia linguística complexa e multilíngue do arquipélago. Essa abordagem permitiu também a sistematização dos dados para análise do sintagma toponímico e de seus mecanismos de formação. Delimitamos os topônimos, os sintagmas toponímicos e genéricos mais recorrentes no território de STP, observando, posteriormente, fatores como item genérico puro e toponimizado e opacidade e transparência (ver CARVALINHOS, 2009). A divisão entre dois grupos foi realizada com o auxílio de dicionários, gramáticas e trabalhos de natureza linguística como Aulete (1980), Houaiss & Villar (2001), para o português, e Araujo & Hagemeyer (2013), Maurer (1995, 2009), Agostinho (2015), para as línguas santome, angolares e lung'le, respectivamente. Por fim, sugerimos um agrupamento taxonômico para os topônimos conforme a proposta por Dick (1992).

3 Roça é o termo local para uma propriedade rural agroindustrial.

3. A Toponímia em São Tomé e Príncipe: panorama geral

Esta seção tem por objetivo descrever o perfil toponímico de STP, detalhar a análise realizada e demonstrar os resultados obtidos através dos seguintes passos:

- (2) (a) levantamento, por distrito, dos topônimos;
 (b) estabelecimento de dois grupos linguísticos distintos de topônimos;
 (c) exame preliminar da estrutura do topônimo e do sintagma toponímico;
 (d) classificação semântica dos topônimos levantados.

A partir dos dados fornecidos pelo censo demográfico de STP de 2011, elencamos 465 topônimos distintos, distribuídos de forma heterogênea ao longo do país, como indicado na tabela 2.

| Distrito | Topônimos | % | População | Área - Km2 |
|-------------|-----------|------|-----------|------------|
| Água Grande | 56 | 12 | 69,464 | 17 |
| Cantagalo | 60 | 12,9 | 17,161 | 119 |
| Caué | 31 | 6,7 | 6,031 | 267 |
| Lembá | 39 | 8,4 | 14,652 | 122 |
| Lobata | 69 | 14,8 | 19,365 | 229 |
| Mé-Zóchi | 163 | 35,1 | 44,752 | 105 |
| Príncipe | 47 | 10,1 | 7,324 | 142 |
| Total | 465 | 100 | 178,739 | 1001 |

Tabela 2 – Distribuição percentual de topônimos investigados em relação à população e área territorial de cada distrito considerado. Fonte: Adaptado de INE (2012).

Analisando a tabela 2, notamos que a maior concentração de topônimos está no distrito de Mé-Zóchi (35,1%), que possui extensão de 105 Km2 e concentra cerca de um quinto da população de STP (44,752). Desse modo, a convergência entre espaço e demografia – e não apenas um desses fatores isolados – constitui um fator relevante para o estabelecimento de topônimos santomenses, na medida em que, com a distribuição populacional mais ou menos homogênea em uma determinada área, aumenta-se a necessidade de estabelecer e, conseqüentemente, de nomear localidades.

Examinando, de forma individual, cada item lexical que compõe a toponímia santomense, elegemos um grupo de topônimos composto por itens de origem não-portuguesa (línguas autóctones ou de origem incerta) e em língua portuguesa. A distribuição desses grupos é apresentada na tabela 3.

| | Ocorrências | % |
|-----------------------|-------------|------|
| Origem não-portuguesa | 105 | 22,6 |
| Origem portuguesa | 360 | 77,4 |
| Total | 465 | 100 |

Tabela 3 – Distribuição percentual de topônimos santomenses em relação a sua etimologia.
Fonte: elaboração dos autores.

Na tabela 3, consideramos como topônimos de origem não-portuguesa (22,6%), itens que contivessem termos não dicionarizados em português. De outra forma, classificamos como topônimos de origem portuguesa (77,4% do total), aqueles que contivessem itens somente em português. Ambos os grupos serão apresentados nas próximas seções. Em 3.1, discutimos o grupo de matriz não-portuguesa. Na seção 3.2, examinamos o grupo formado por topônimos em língua portuguesa. Por fim, na seção 3.3, apresentamos uma classificação semântica para os topônimos analisados, considerando ambos os grupos.

3.1 Topônimos não-portugueses

No grupo de topônimos não-portugueses, propomos uma classificação em três subgrupos: línguas autóctones, origem incerta e composição mista, abrangendo topônimos construídos a partir de elementos das línguas autóctones e do português. Os topônimos em línguas autóctones correspondem aqueles atestados em trabalhos dedicados às línguas crioulas de STP. Sob o rótulo ‘origem incerta’, por sua vez, agrupamos itens não pertencentes ao português e/ou não mencionados nos trabalhos sobre as línguas autóctones. Por fim, os topônimos de composição mista são aqueles que apresentavam itens do português em conjunto com itens das línguas autóctones.

Na tabela 4, esses subgrupos são especificados conforme o número de ocorrências e seu percentual em relação à toponímia santomense (% Geral), assim como em relação ao grupo não-português (% não-português).

| | Ocorrências | % Não-português | % Geral |
|--------------------|-------------|-----------------|---------|
| Línguas autóctones | 50 | 47,6 | 10,6 |
| Origem incerta | 35 | 34,3 | 7,7 |
| Composição Mista | 19 | 18,1 | 4,1 |
| Total | 104 | 100 | 22,6 |

Tabela 4 – Distribuição percentual de topônimos santomenses de matriz africana.
Fonte: elaboração dos autores.

Os topônimos em línguas autóctones podem ser atribuídos, principalmente, ao santome, embora haja, na Região Autónoma do Príncipe, topônimos em lung'Ie. Em (3) e (4), podemos observar alguns topônimos formados com itens lexicais do santome e do lung'Ie, respectivamente⁴.

| | | |
|---------------------------|------------------|------------------------------------|
| (3) a. Cabalo Molê | [ka'balu mo'le] | lit. ⁵ . 'cavalo morto' |
| b. Ubu Coconja | ['ubwa ko'kõdza] | lit. 'cerca de coqueiros' |
| c. Libadoque | ['liba dõ'ke] | lit. 'cimo' |
| (4) a. Ximalô | [ʃi'malo] | lit. 'topo' |
| b. Lentá Piá | [lẽ'ta 'pja] | lit. 'entre e olhe' |

Em (3), os itens do sintagma toponímico foram recuperados do Dicionário santome-português/português-santome (ARAUJO & HAGEMEIJER, 2013), ao passo que, em (4), a classificação dos topônimos provém de um glossário do lung'Ie (AGOSTINHO, 2014). Em (3.b), por exemplo, **piá** ['pja] equivale a 'olhar' em lung'ie e em santome, **e lenta** [lẽ'ta] é atestado como 'entrar; entrada' (cf. AGOSTINHO, 2014) em ambas as línguas (ver Araujo & Hagemeyer, 2013, p. 58). Considerando que o topónimo **Lentá Piá** é empregado na Ilha do Príncipe, assumimos **Lentá Piá** como um topónimo construído a partir de itens lexicais do lung'Ie.

No que diz respeito à estrutura dos topônimos nas línguas autóctones, é possível observar que além de corresponderem a nomes comuns toponimizados, podem ser formados por um item genérico mais uma palavra específica, caracterizando um sintagma toponímico, ou também ser constituído por itens lexicais reduplicados na língua fonte. Os topônimos compostos por apenas um substantivo comum, no geral, equivalem a um genérico toponimizado (5.a), a um substantivo abstrato (5.b), ou, de modo mais recorrente, fazem referência à flora local (5.d-f).

| | | |
|------------------------|------------------|---|
| (5) a. Poto | ['põtõ] | lit. 'porta' |
| b. Blublu | [blu'blu] | lit. 'pressa; precipitação' |
| c. Vua Sata | ['vwa sa'ta] | lit. 'atalho' |
| d. Mucambu | [mu'kẽ bu] | ' <i>Vernonia amygdalina</i> ' ⁶ |
| e. Macamblalá | [makẽ bla'la] | ' <i>Crasterispermum montanum</i> ' |
| f. Coconja cuto | [ko'kõdza 'kutu] | lit. 'coqueiro baixo' |

4 A grafia dos topônimos foi mantida como aparece nos dados do Censo 2011 (INE 2012). Nesse caso, foi empregada uma escrita de origem portuguesa para os termos das línguas autóctones.

5 Posto que se trata de um item toponímico, empregado localmente como tal, quando relevante, o topónimo será precedido da palavra *literalmente* (abreviada lit.) para mostrarmos a relação entre o português e as outras línguas.

6 Os nomes científicos de itens de fauna e flora são grafados em itálico seguindo o padrão da nomenclatura binominal.

Em (5.a), **poto** lit. ‘porta’ é compreendido como genérico toponimizado, já que **poto** é encontrado, de forma regular, em sintagmas toponímicos, como em **Poto Correia** e **Poto Mandioco**. Notamos, assim, que o elemento geográfico, em função de genérico, pode ser constituído por elementos da natureza (ver DICK, 1990), mas também pode provir de um marco geográfico construído. Tal afirmação é corroborada pelo topônimo **Vua Sata** lit. ‘atalho’, elemento nominal composto em santome toponimizado que, semanticamente, equivale a um caminho que encurta a distância entre dois pontos, conceito estabelecido a partir de dois marcos geográficos: o local de partida e o local de chegada, ambos conceitos antropológicos.

Em (6), apresentamos alguns sintagmas toponímicos, formados por um genérico mais um topônimo.

- | | | |
|--------------------------|------------------|--------------------------|
| (6) a. Mato Andim | [ˈmatuẽ ˈdʒĩ] | lit. ‘Campo de andim’ |
| b. Mato Kilemba | [ˈmatu kiˈlêba] | lit. ‘Campo de kilemba’ |
| c. Ubuja Coconja | [ˈubwa koˈkõdʒa] | lit. ‘Cerca de coqueiro’ |
| d. Ubuja Budo | [ˈubwa ˈbudu] | lit. ‘Cerca de pedra’ |
| e. Uba Caju | [ˈuba kaˈʒu] | lit. ‘Cerca de caju’ |

Em (6.a-b), **mato** equivale a ‘campo’ em santome (ARAUJO & HAGEMEIJER, 2013), genérico encontrado em sintagmas toponímicos na Ilha de São Tomé, porém não na Ilha do Príncipe, cuja forma em lung’le é **umatu** (AGOSTINHO, 2014). Nesses exemplos, verificamos uma construção nominal de posse comum ao santome e ao lung’le, em que a relação de posse entre dois nomes é obtida pela concatenação do item possuidor **pospoto** ao item possuído. Em (6.c-e), de outro modo, o termo genérico é **ubua**, na Ilha de São Tomé, e **uba**, na Ilha do Príncipe, ambos equivalentes a ‘cerca’ que, assim como em **poto**, remete a um elemento de natureza cultural para referenciar, de forma genérica, uma área geográfica. Nesse sentido, notamos também que é possível a construção de sintagmas toponímicos em línguas autóctones, sendo o genérico um substantivo comum responsável por descrever um traço característico do topônimo (ver CARVALHINHOS, 2009).

A reduplicação é adotada, também, como um processo de criação de topônimos santomenses em línguas autóctones. Alguns exemplos são apresentados em (7).

- (7) a. **Pema-pema**, em que **pema** [ˈpɛma] lit. ‘palmeira’.
 b. **Budo-budo**, em que **budo** [ˈbudu] lit. ‘pedra’.
 c. **Lama-lama**, em que **lama** [ˈlama] lit. ‘lama’.
 d. **Manga-manga**, em que **manga** [ˈmɛ̃ ga] lit. ‘manga’.

Os dados em (7) foram atestados apenas como topônimos, não havendo menção às formas levantadas nos trabalhos consultados, embora ali apareçam como

formas não reduplicadas. Considerando que as palavras simples, **pema**, **budo**, **lama** e **manga**, apresentam conteúdo lexical independente, confirmamos a existência da reduplicação total e verdadeira enquanto processo produtivo na formação de topônimos santomenses em língua autóctone (cf. ARAUJO, 2002). Em todos os casos nos quais o topônimo é formado a partir de reduplicação, o item lexical reduplicado corresponde a um elemento da natureza. Sendo assim, suscitamos a hipótese de que o topônimo formado a partir de reduplicação possa indicar a abundância local do elemento natural referenciado, pressuposto que deve ser investigado a partir da análise de processos morfológicos das línguas autóctones.

Em (8), os itens de composição mista, por sua vez, contêm um elemento lexical não-português no sintagma toponímico.

- | | | |
|-------------------------------|----------------------|--|
| (8) a. Favorita Luchan | [favo'rita lu'fẽ] | lit. 'aldeia favorita' |
| b. Vaji Grande | ['vazi 'grẽdi] | lit. 'campo de kilemba' |
| c. Uba Flor | ['uba 'flor] | lit. 'cerca de flor' |
| d. Obo Coelho | [o'bo ku'e.lu] | lit. 'floresta coelho' |
| e. Água Izé | ['agwa 'ize] | lit. 'águas de camarão'/'rio de camarão' |
| f. Água Bobô | ['agwa bo'bo] | lit. 'águas claras'/'rio claro' |
| g. Praia Io Grande | ['praja i'a 'grẽ di] | lit. 'praia da ilha grande' |

O exemplo (8.a) está sujeito a uma interpretação ambígua, pois o substantivo comum **luchan** lit. 'aldeia; zona não urbanizada', pode tanto configurar um item genérico, caracterizando o topônimo **favorita**, como pode estar toponimizado juntamente ao **favorita**, demarcando um topônimo de forma integral. Como essa é uma questão que ultrapassa o escopo deste estudo, não adentraremos essa discussão, porém ressaltamos a composição de **Favorita Luchan** que envolve um nome comum do santome, **luchan**, e um da língua portuguesa, **favorita**.

Os exemplos entre (8.b-d) indicam casos em que há um elemento genérico de uma língua autóctone, **vaji** lit. 'grotta/limite da roça', **uba** 'cerca' e **obo** 'floresta', juntamente a um item lexical português, **grande**, **flor** e **coelho**, respectivamente. Já em (8.e-f), ao contrário, observamos o genérico **água**, item produtivo na formação de topônimos santomenses, acompanhados por **izé** lit. 'camarão' e **bobô** lit. 'claro', termos oriundos do santome. Por fim, em (8.g), **io**, lit. 'ilha' em santome e angular, é o único termo autóctone do sintagma toponímico. Nesse caso, é possível pressupormos que **praia** seja o elemento genérico, ao passo que **io grande**, de forma integral, corresponda ao topônimo.

A função de genérico dos exemplos em (8), quando desempenhada por um item de origem não-portuguesa, apenas pode ser recuperada se o falante (i) for bilíngue e conhecer os itens componentes, ou (ii) ter acesso a essa informação por meio da escolarização ou mesmo pelo convívio com falantes bilíngues que explicitem, de alguma forma, o sentido semântico do genérico, ou mesmo do item específico. Desse modo, o desconhecimento e o desuso do código linguístico utilizado para a formação dos topônimos e sintagmas toponímicos de STP, contribuem para

seu esvaziamento semântico, podendo deixar as lexias pouco transparentes aos falantes monolíngues de português do arquipélago. Logo, embora seja possível recuperar o sintagma toponímico de composição mista com auxílio de materiais linguísticos, esse processo possivelmente nem sempre é transparente aos habitantes do arquipélago, os quais passam a compreender itens como **Favorita Luchan, Uba Flor, Obo Coelho, Ubua Budo, Ubua Conconja**, entre outros, como um topônimo integral sujeito a reanálises estruturais e semânticas e/ou decodificações.

Em **Praia Io Grande** (8.g), o genérico **praia** é acrescentado a despeito da possibilidade de **io** lit. ‘ilha’ também ser equivalente a um elemento geográfico genérico. Esse acréscimo pode decorrer do fato de **io** não ser mais transparente aos falantes monolíngues, os quais o interpretam como parte integral do topônimo. De outro modo, itens autóctones podem ser interpretados como lexemas da língua portuguesa, conduzindo a interpretações *sui generis* do sintagma toponímico. Esse é o caso do genérico **mato** (4.a – 4.b), que pode ser decodificado pelos falantes como uma palavra da língua portuguesa, embora, em santome, corresponda literalmente a ‘campo’, elemento geográfico distinto da forma portuguesa ‘mato’.

Por fim, o subgrupo categorizado como ‘origem incerta’ é composto por itens não registrados nos materiais consultados, envolvendo topônimos como **Ocaoco, Bugué, Cassuma**, entre outros, que podem corresponder a itens das línguas autóctones não dicionarizados, ou mesmo possuir etimologia de alguma outra língua africana continental que possa ter circulado no arquipélago no período colonial.

Em suma, a distribuição dos topônimos de origem incerta de acordo com os distritos considerados, pode ser conferida na tabela 5, pela qual anotamos o número de ocorrências e seu percentual em relação ao total de topônimos de cada distrito.

| Distrito | Topônimos | % |
|-------------|-----------|------|
| Água Grande | 12 | 24 |
| Cantagalo | 11 | 18,3 |
| Caué | 5 | 16,1 |
| Lembá | 8 | 20,5 |
| Lobata | 16 | 23,2 |
| Mé-Zóchi | 45 | 28,2 |
| Príncipe | 7 | 14,9 |
| Total | 104 | 100 |

Tabela 5 – Distribuição percentual de topônimos santomenses de matriz africana.
Fonte: elaboração dos autores.

A maior concentração de topônimos de origem incerta está no distrito de Mé-Zóchi (28,2%), região que comporta, também, o maior número de topônimos santomenses. Lobata é o segundo distrito com mais topônimos não portugueses (23,2%), seguido por Lembá (20,5%) e Cantagalo (18,3%).

3.2 Topônimos em Língua Portuguesa

Detidos, agora, na toponímia em língua portuguesa, observamos que os topônimos podem ser constituídos de nomes simples (9.a-b) e compostos (9.c-d), datas (9.g) e serem formados a partir de um sintagma toponímico composto por um elemento genérico e um item específico (9.e-f).

- (9) a. **Maracujá**
 b. **Gratidão**
 c. **Diogo Vaz**
 d. **Bela Vista**
 e. **Água Crioula**
 f. **Quinta das Flores**
 g. **3 de Fevereiro**

Em relação aos genéricos utilizados, foram levantados 38 termos distintos, os quais são indicados, na tabela 6, de acordo com o número de ocorrências registradas no censo de STP.

| Genérico | Ocor. | Genérico | Ocor. | Genérico | Ocor. | Genérico | Ocor. |
|------------|-------|----------|-------|----------|-------|--------------|-------|
| Água | 29 | Centro | 1 | Quintal | 5 | | |
| Atrás | 4 | Ilhéu | 1 | Recta | 1 | | |
| Alto | 1 | Estrada | 1 | Rio | 3 | Pau | 2 |
| Angra | 2 | Monte | 8 | Ribeira | 2 | Vale | 4 |
| Aldeamento | 1 | Monta | 3 | Rua | 9 | Vila | 20 |
| Bosque | 1 | Parque | 1 | Riba | 2 | Vista | 1 |
| Bairro | 2 | Praia | 24 | Roça | 5 | Zona | 2 |
| Caminho | 5 | Ponta | 7 | Riboque | 6 | | |
| Cidade | 2 | Ponte | 1 | Rocinha | 1 | | |
| Colónia | 2 | Porto | 2 | Terra | 1 | | |
| Campo | 1 | Quinta | 6 | Terreiro | 1 | | |
| | | | | | | TOTAL | |
| | | | | | | 162 | |

Tabela 6 – Ocorrência dos genéricos na toponímia santomense em língua portuguesa.
 Fonte: elaboração dos autores.

A partir da tabela 6, verificamos 162 ocorrências de 34 genéricos registrados como sintagmas toponímicos santomenses no censo de 2016. Essa tabela expõe somente os dados oficiais de áreas onde um contingente populacional pode ser constatado. Dessa forma, há mais ocorrências de genéricos em território santomense do que as formas especificadas na tabela 6 que não serão abarcadas neste estudo. O topônimo **Roça**, por exemplo, é utilizado frequentemente pelos santomenses para designar as antigas unidades agroindustrial do período colonial, sendo empregado, dentro de um sintagma toponímico, de forma anteposta ao elemento específico, como indicado em (10).

- (10) a. **Roça Nunno Oliveira**
 b. **Roça Diogo Vaz**

Dentre os sintagmas toponímicos e topônimos analisados, identificamos, ademais, o estabelecimento de um genérico toponimizado de forma posposta ao termo específico, construção empregada como estratégia de desambiguação de topônimos, como elucidado em (11).

- | | | |
|-----------------------------------|---|------------------------------|
| (11) a. Praia Conchas Roça | x | Praia Conchas |
| b. Sundy Praia | x | Sundy Roça |
| c. Ribeira Palma Praia | x | Ribeira Palma |
| d. Colónia Açorena Praia | x | Colónia Açorena |
| e. Cidade Santana Alta | x | Cidade Santana Centro |

Em (11a-d), os genéricos **roça** e **praia**, quando pospostos a um termo específico, qualificam o termo anterior e constituem uma unidade toponímica, como em (11.e), despojando-se de seu caráter genérico, que pode ser desempenhado, de forma opcional, por outro item genérico anteposto. A desambiguação de topônimos é feita, ainda, pela adjetivação do topônimo (12.a-b), ou mesmo por sua numeração (12.c-d).

- | | | |
|-----------------------|---|-----------------------|
| (12) a. Guegue | x | Guegue Velho |
| b. Hospital | x | Hospital Velho |
| c. Plancas I | x | Plancas II |
| d. Bairro 1 | x | Bairro 2 |

Assim como no caso de **Favorita Luchan**, a utilização do topônimo posposto está sujeita a uma dupla interpretação. Podemos conjecturar, também, que o topônimo integral seja constituído pelo primeiro e segundo itens lexicais, como em **Praia Conchas** (11.a) e **Ribeira Palma** (11.c), e que o terceiro elemento, no caso de (11.a-d), **roça** e **praia**, corresponda a um genérico acrescido para desfazer a ambiguidade de nomes. No entanto, considerando que as demais estratégias adotadas para desfazer a ambiguidade toponímica santomense prezam pela adição de um elemento posposto, suscitamos como hipótese que genéricos, quando pospostos a um termo específico, correspondam a itens toponimizados e, assim como os adjetivos e os números, qualificam o item específico, formando, em conjunto com este, um topônimo de modo integral.

A toponimização de genéricos ocorre, também, a partir de itens genéricos isolados, como em (13). Assim, **ilhéu** pode acompanhar alguns topônimos, caracterizando um genérico de um sintagma toponímico. No entanto, em (13.a) é apresentado como topônimo e nomeia uma localidade de forma integral e isolada. **Mesquita**, **Canavial** e **Cachoeira** também exemplificam casos nos quais um genérico passa a ser adotado como topônimo.

- (13) a. **Mesquita**
 b. **Ilhéu**
 c. **Canavial**
 d. **Aeroporto**
 e. **Cachoeira**

Dentre o grupo de topônimos santomenses, em língua portuguesa, dicionarizados, constatamos a presença de itens definidos como *brasileirismos* ou angolanismos (quadro 1). Topônimos como **Gonga**, **Binda** e **Muçambo**, ao serem referidos como usados no Brasil e em Angola podem ter como étimo alguma língua africana falada nas regiões de sequestro de mão de obra escrava. É preciso analisar, no entanto, se esses termos foram incorporados ao português falado em STP e, conseqüentemente, à toponímia santomense por via direta com as línguas africanas ou via língua portuguesa dos colonizadores. Tal questionamento emerge do fato de que o contexto colonial da época promoveu o trânsito de colonos e escravos por diferentes colônias portuguesas, as quais apresentavam conjunturas multilíngues semelhantes, porém, paradoxalmente, singulares e circunscritas a realidades geográficas e étnicas próprias (SEIBERT, 2015).

| Topônimo | Definição de Houaiss & Villar (2001) e Aulete (1980) |
|----------------|---|
| <i>Gonga</i> | 1. s. m. (Angola) cesto do Congo, de palha de mateba. Cp. <i>Gongá</i> (Bras.). 2. s. f. (Angola) certo instrumento de música. 3. s. f. (Bras., Nordeste) (pop.) roupa muito velha (em geral de homem) |
| <i>Binda</i> | 1. s. f. nome africano da abóbora-carneira. Os frutos secos servem para transporte de líquidos, para marimbas, etc. A vasilha feita de binda. |
| <i>Muçambo</i> | 1. s. m. (Angola) ornato metálico que usam os indígenas da Lunda para apertar as tranças do cabelo |

Quadro 1 - Topônimos com itens definidos como *brasileirismos* ou angolanismos pelos dicionários Houaiss e Aulete.

Fonte: elaboração dos autores.

Por fim, a distribuição dos topônimos em língua portuguesa conforme os distritos considerados é exibida na tabela 7.

| Distrito | Topônimos | % |
|--------------|------------|------------|
| Água Grande | 34 | 68 |
| Cantagalo | 48 | 80 |
| Caué | 26 | 83,9 |
| Lembá | 29 | 74,4 |
| Lobata | 52 | 75,4 |
| Mé-Zóchi | 110 | 67,5 |
| Príncipe | 39 | 82,9 |
| Total | 360 | 100 |

Tabela 7 – Distribuição percentual de topônimos em língua portuguesa em relação ao distrito abarcado. Fonte: elaboração dos autores.

Os topônimos em língua portuguesa são mais numerosos em relação aos topônimos não-portugueses em todos os distritos. A maior concentração de topônimos portugueses, no entanto, está no distrito de Caué (83,9%), região interiorana do arquipélago onde as línguas crioulas são mais empregadas em relação aos distritos mais urbanizados (cf. BOUCHARD, 2017). Esse aspecto reforça a presença da língua portuguesa em diferentes partes do país, não somente na capital e mostra sua difusão com alcance nacional (ARAUJO, 2020).

3.3 Classificação semântica dos topônimos santomenses: uma proposta inicial

Em termos semânticos, os topônimos santomenses investigados podem ser classificados de acordo com sua natureza física ou com sua natureza antropocultural. Seguindo a taxionomia proposta por Dick (1992), na tabela 8, o número de ocorrências de topônimos está classificado de acordo com a sua natureza física (astrotopônimos, cardinotopônimos, cromotopônimos, dimensiotopônimos, fitotopônimos, hidrotopônimos, litotopônimos, morfotopônimos e zootopônimos).

| Grupo | Ocor. | % | Exemplo |
|---|------------|-------------|---------------------------|
| Astrotopônimos (astros e corpos celestes) | 4 | 2,9 | Cruzeiro |
| Cardinotopônimos (posições geográficas) | 4 | 2,9 | Atrás do Cemitério |
| Cromotopônimos (escala cromática) | 3 | 2,2 | Água Bobô |
| Dimensiotopônimos (traços dimensionais) | 9 | 6,6 | Praia Io Grande; Portinho |
| Fitotopônimos (nomes de vegetais) | 63 | 46,3 | Binda; Java; Micondó |
| Hidrotopônimos (acidentes hidrográficos) | 7 | 5,2 | Cachoeira; Cova Água |
| Litotopônimos (minerais e constituição do solo) | 12 | 8,8 | Budo-budo |
| Morfotopônimos (forma geométrica; composição) | 13 | 9,6 | Monte Forte; Praia seca |
| Zootopônimos (nomes de animais) | 21 | 15,4 | Água Izé |
| Subtotal | 136 | 100 | |
| Total | 465 | 29,2 | |

Tabela 8 – Ocorrência dos topônimos de natureza física na toponímia santomense. Fonte: elaboração dos autores.

Constatamos que cerca de 29% de topônimos santomenses, quer em língua portuguesa, quer em língua autóctone, podem ser relacionados, semanticamente, a aspectos da natureza física. Dentre esse grupo, fitotopônimos (46%), zootopônimos (15%), morfotopônimos (10%) e litotopônimos (9%) apresentam maiores frequências de ocorrência, enquanto astrotopônimos (2%) e cromotopônimos (3%) são menos frequentes.

Os topônimos de natureza antropocultural, por sua vez, compõem, aproximadamente, 58% do corpus, e, neste trabalho, foram agrupados em 14 taxionomias distintas (tabela 9).

| Grupo | Ocor. | % | Exemplo |
|---|------------|-------------|-----------------------|
| Animotopônimos (vida psíquica e espiritual) | 53 | 19,70 | Boa Esperança |
| Antrotopônimos (nomes próprios) | 69 | 25,7 | Diogo Vaz |
| Axiotopônimos (títulos) | 5 | 1,9 | Abade |
| Corotopônimos (lugares) | 8 | 2,9 | Bombaim |
| Cronotopônimos (indicação cronológica) | 9 | 3,4 | Hospital Velho |
| Ergotopônimos (acidentes hidrográficos) | 9 | 3,4 | Batelo |
| Etnotopônimos (elementos étnicos) | 1 | 0,4 | Água Criola |
| Dirrematotopônimos (frase e enunciado linguístico) | 1 | 0,4 | Voz d'América |
| Hierotopônimos (sagrados; religiosidade) | 70 | 26 | São Miguel |
| Historiotopônimos (acontecimentos) | 2 | 0,7 | 3 de Fevereiro |
| Hodotopônimo (vias de comunicação) | 1 | 0,4 | Oque Ponte |
| Poliotopônimos (construídos por itens como vila, cidade, entre outros) | 7 | 2,6 | Aldeia; Centro |
| Sociotopônimos (atividades profissionais, locais de trabalho; pontos de encontro de membros da sociedade) | 32 | 11,9 | Hospital; Água Doutor |
| Somatotopônimos (metáfora a partes do corpo humano ou animal) | 2 | 0,7 | Cabeça Cal |
| Subtotal | 269 | 100 | |
| Total | 465 | 57,8 | |

Tabela 9 – Ocorrência dos topônimos de natureza antropocultural na toponímia santomense.
Fonte: elaboração dos autores.

Embora a classificação proposta nas tabelas 8 e 9 evidencie alguns aspectos semânticos da toponímia santomense, indicando qual sua possível essência motivadora, é necessário que cada grupo apresentado seja revisitado, de forma individual, de modo a verificar se a taxonomia empregada é suficiente para delinear o perfil toponímico de STP e, se, em casos de ambivalência taxonômica, uma nomenclatura pode ser eleita em detrimento de outra.

De fato, ainda que o modelo taxionômico de Dick (1992) permita uma interpretação semântica segura dos topônimos, ele é dedicada à realidade brasileira e está sujeita a dupla interpretação dependendo da composição estrutural do topônimo. Assim, topônimos como **Nova Estrela**, por exemplo, apresentam características cronológicas

(nova) e celestes (estrela), permitindo, uma dupla leitura por parte do investigador. Casos como esses precisam ser examinados em cotejo com as informações extralinguísticas, como fatos históricos e a própria morfologia areal descrita pelo topônimo.

4. Considerações Finais

A toponímia santomense configura um reflexo linguístico da história de STP. Constituída por topônimos em língua portuguesa, em línguas autóctones e africanas continentais e, algumas vezes, por intersecções linguísticas formadas por elementos de ambas as naturezas, a toponímia de STP permite observar a realidade multilinguística do país e, ao mesmo tempo, deixa transparecer a sobreposição de topônimos em língua portuguesa sobre aqueles em línguas autóctones, refletindo práticas de nomeação do mundo e de relações de poder. Portanto, a toponímia de STP exprime a conjuntura multilíngue que acompanhou e acompanha o país desde a chegada ao arquipélago de portugueses e africanos de diversas regiões da África.

Dentre os topônimos descritos, 77,4% são de origem portuguesa e 22,6% são compostos total ou parcialmente por palavras de origem não-portuguesa. Dados desse último grupo foram sistematizados em dois subgrupos: topônimos integralmente autóctones (18,2%), como em **Ubua Coconja** [‘ubwa ko’kō-dza] lit. ‘cerca de coqueiros’, e topônimos mistos (4,1%), como **Favorita Luchan** [favo’rita lu’fẽ] lit. ‘aldeia favorita’. Isso demonstra que, embora a maior parte da toponímia local tenha sofrido influência do português, o perfil toponímico santomense não equivale a um mero transplante de outros perfis toponímicos em língua portuguesa, mas contém especificidades linguísticas e culturais endêmicas. Assim, fenômenos naturais, acontecimentos políticos e históricos locais, entre outros aspectos, atuam na formação de topônimos e caracterizam a toponímia local como única.

Em síntese, além das semelhanças esperadas entre a toponímia santomense e portuguesa, constatamos que os topônimos são criados conforme a realidade geográfica, social, histórica e linguística de STP, sendo, por isso, locus da memória e da ecologia linguística santomense. Portanto, se constituem em um elemento adicional para o entendimento da cultura santomense. O estudo da toponímia santomense contribui para a compreensão dos diferentes estratos que estruturam a forma de expressão vernacular de STP, refletindo as conjunturas multilíngues sincrônicas e diacrônicas do arquipélago. Os diferentes estratos linguísticos identificados precisam ser revisitados e reexaminados de forma individual, tema para uma pesquisa futura. Logo, além de esclarecer aspectos relacionados à constituição demográfica de STP, um estudo adicional dos topônimos do arquipélago poderia clarificar questões linguísticas e históricas, fornecendo argumentos que fundamentem a origem das ondas de escravos deslocados ao arquipélago ou à presença das populações em cada região específica, bem como das línguas faladas pelos grupos étnicos e suas interrelações.

5. Referências Bibliográficas

- AGOSTINHO, Ana Livia (2014). *L. Fonologia e Método Pedagógico do lung'le*. São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Tese de Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa
- ARAUJO, Gabriel (2002). Truncamento e reduplicação no português brasileiro. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, nº 1, vol. 10, pp. 61-90.
- ARAUJO, Gabriel (2020). Há uma política linguística para o português em São Tomé e Príncipe? In: Souza, Sweder & Olmo, Francisco Calvo (orgs.). 2020. *Línguas em português — A Lusofonia numa visão Crítica*. Porto: Universidade do Porto Press.
- ARAUJO, Gabriel & HAGEMEIJER, Tjerk (2013). *Dicionário Santome-Português/Português-Santome*. São Paulo: Hedra.
- AULETE, Caldas (1980). *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 7.ed. Rio de Janeiro: Delta.
- BANDEIRA, Manuele (2017). *Reconstrução fonológica e lexical do protocrioulo do Golfo da Guiné*. São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Tese de Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa.
- BANDEIRA, Manuele; ARAUJO, Gabriel Antunes de & FINBOW, Thomas. 2019. The Gulf of Guinea Proto-Creole and its Daughter Languages: from Liquid Consonants to Complex Onsets and Vowel Lengthening. Manuscrito, inédito.
- BONVINI, Vinicius (2008). Línguas africanas e português falado no Brasil. In José Luiz Fiorin e Margarida Petter. *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto.
- BOUCHARD, Marie-Eve (2017). *Linguistic Variation and change in the Portuguese of São Tomé*. New York: New York University, New York. Tese de Doutorado em Filosofia e Linguística.
- CARVALINHOS, Patrícia (1998). *A toponímia portuguesa: um recorte linguístico do Douro ao Tejo*. São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Tese de Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa.
- CARVALINHOS, Patrícia (2009). Projeto Atlas Toponímico de Portugal: Informes iniciais, critérios, recorte: projeto variantes lexicais na Toponímia Portuguesa. A questão do genérico. *Anais do SILEL*, v. 1, s/pag.
- COUTO, Hildo Honório (2009). *Linguística, ecologia e ecolinguística*. São Paulo: Contexto.
- DICK, Maria Vincentina do Amaral (1980). *A motivação toponímica. Princípios teóricos e modelos taxionômicos*. São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Tese de Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa.
- DICK, Maria Vincentina do Amaral (1990). *Toponímia e Antroponímia do Brasil. Coletânea de Estudos*. 2. Ed. São Paulo, Serviço Gráfico da FFLCH.
- DICK, Maria Vincentina do Amaral (1998). *Atlas Toponímico: um estudo dialetológico*

- co. Revista Philogus. Rio de Janeiro, v. 10, pp. 61-69.
- DICK, Maria Vincentina do Amaral (2002). *Aspectos de etnolingüística- a toponímia carioca e paulistana – contrastes e confrontos*. Revista USP, nº 56, pp. 180-191.
- DICK, Maria Vincentina do Amaral (1992). *Toponímia e antroponímia no Brasil. Coletânea de Estudos*. São Paulo: USP.
- FERRAZ, Luiz Ivens (1979). *The creole of São Thome*. Johannesburg: Witwatersrand University Press.
- HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles. (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Elaborado no Instituto Antonio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva.
- INE. 2012. Instituto Nacional de Estatística (INE): São Tomé e Príncipe em Números. São Tomé: 2001. Disponível em: <http://http://www.ine.st/2012.html>
- INE. 2016. Instituto Nacional de Estatística (INE): Dados Demograficos 1970 á 2016. Disponível em: <https://www.ine.st/index.php/component/phocadownload/category/51-demograficas>
- LIMA, Adriana (2012). *De Bracara Augusta a Braga: análise toponímica de um concelho português*. São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Dissertação de Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa.
- LIMA, Adriana & CARVALINHOS, Patrícia (2013). Los Pueblos de Portugal y el modelo denominativo medieval. In Olviu Felecan (Ed.), *Proceedings of Iconn*, pp. 276-290.
- MAURER, Philippe (1995). *L'angolar: Un créole afro-portugais parlé à São Tomé*. Hamburg: Helmut Buske Verlag.
- MAURER, Philipe (2009). *Principense Grammar texts, and vocabulary of the afro-portuguese creole of the island of Príncipe, Gulf of Guinea*. London: Battlebridge Publications.
- NASH, Joshua (2015). Is Toponymy necessary? *Studies in languages*, nº1, vol. 39, pp. 228-239.
- SEIBERT, Gerhard (2015). Colonialismo em São Tomé e Príncipe: hierarquização, classificação e segregação da vida social. *Anuário Antropológico*, nº.2, vol. 40, pp. 99 -120.
- TENT, Jan (2015). Approaches to Research in Toponymy. Names. *Journal of Onomastics*, nº 2, vol. 63, pp. 65-74.